

QUANDO "HISTÓRIAS MALUQUINHAS" TECEM APRENDIZAGENS: AUTORIA NA SALA DE AULA

Isabela Duarte Zaroni⁴²
 Isabella Coelho Figueiredo⁴³
 Letícia Roberta Gomes Martins⁴⁴

Resumo

O presente artigo tem como objetivo compartilhar experiências vividas na Escola Municipal Anísio Teixeira, situada no bairro do Ingá, cidade de Niterói, Rio de Janeiro, onde nós, graduandas em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense, participamos do PIBID-CAPEs. Vinculadas ao projeto geral "Múltiplas linguagens na escola"⁴⁵, desenvolvemos o projeto de investigação e estudo intitulado: "Histórias Maluquinhas". Nosso objetivo ao escrever este artigo é, principalmente, compartilhar nossas experiências de iniciação à docência que articulamos com as nossas práticas e com os conceitos de roda de conversa, autoria infantil destacando a importância do planejamento feito com as crianças, buscando compreender os impactos desse processo na vida e formação acadêmica de cada um dos envolvidos.

Palavras-chave: roda de conversa, autoria, planejamento, aula acontecimento, prática docente

Abstract

This article aims to share experiences at the Municipal School Anísio Teixeira, located in the neighborhood of Inga, the city of Niterói, Rio de Janeiro, where we students in Pedagogy from the Universidade Federal Fluminense, partake of PIBID-CAPEs. Linked to the overall design "Multiple languages in school", we developed the research project and study entitled: "Crazy Stories". Our goal in writing this article is mainly to share our initiation experiences to teaching that articulate with our practices and with concepts of conversation wheel, children's authors and the importance of planning done with the children, trying to understand the impacts of this process in life and academic education of everyone involved.

Keywords: conversation wheel, authorship, planning, event class, teaching practice

⁴² Graduanda do Curso de Pedagogia da UFF. E-mail: isa.zaroni@gmail.com

⁴³ Graduanda do Curso de Pedagogia da UFF. E-mail: isabellacf@id.uff.br

⁴⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da UFF. E-mail: leticia robertag@yahoo.com.br

⁴⁵ As auotras são bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Coord. pela Prof^a Mônica Silvestre.

As escolas por onde passamos ao longo da nossa caminhada enquanto alunas e graduandas do Curso de pedagogia da Universidade Federal Fluminense nos mostram uma realidade assustadora: alunos sempre sentados em fileiras olhando para a cabeça de seus colegas e a professora sempre à frente, ocupando um lugar de destaque, com sua autoridade imposta e seu poder assegurado. Estas são marcas de um saber fazer escolar em que a escola é entendida como:

Lugar em que se ensina, lugar em que se aprende. Como ensinar e aprender demandam objetos, e estes são conhecimentos, então há na escola uma relação de certos conhecimentos. A relação triádica: o professor, o aluno e os conhecimentos. Cada proposta pedagógica, na história ou no presente, define diferentes posições para cada um destes três elementos, dando ênfase ora a um, ora a outro destes três pólos (GERALDI, 2010, p. 82).

Durante as aulas, muito pouco parece acontecer, as aulas são monótonas e o interesse das crianças vai se perdendo aos poucos e cada vez mais os sujeitos da escola ficam aprisionados em suas rotinas. O que costumamos presenciar nas aulas são, via de regra, cópias de quadro de giz de conteúdos variados, na maioria das vezes, sem significado para o aluno, tampouco relacionados ao seu contexto social. Percebemos que as crianças apreendem diversos conceitos, decoram inúmeras coisas, mas não sabem o que fazer com a maioria delas, e nem imaginam como poderão utilizar tantas coisas em suas vidas. As redes cotidianas de *saberese fazeres*, como aponta Ferraço (2007), não podem ser pensadas fora dos *espaçostempos* cotidianos e dos sujeitos que os praticam. Pois, as mudanças ocorridas diariamente, de modo inesperado, possibilitam o professor e os demais envolvidos romperem com modelos ou teorias pré-formados, levando-os a criarem

sabersefazeres instituintes que reconheçam as relações tecidas na escola.

Na turma do 2º ano, onde desenvolvemos o projeto, confirmamos como essas ideias vão se materializando historicamente. Ao mantermos contato com as crianças tivemos a clara impressão de que essas práticas estão ainda presentes, ao ponto de estarem já impressas nas crianças no início de sua trajetória escolar, pois os mesmos necessitam de ordens e tarefas definidas pela professora para que consigam produzir algo em sala de aula.

Nos encontros realizados na Faculdade de Educação da UFF, com a coordenadora do projeto, nos reunimos a fim de traçar estratégias que possibilitem seu desenvolvimento efetivo realizado na Escola Municipal Anísio Teixeira. Ademais, estudamos as temáticas referentes às aulas praticadas a partir da perspectiva de projetos.

Na escola, momento em que estamos em contato direto com o corpo docente e a equipe pedagógica, ou até mesmo nos encontros organizados pelo nosso próprio grupo, montamos uma espécie de percurso base, como um esboço do planejamento, que iremos descrever ao longo deste artigo.

O percurso é organizado a partir dos interesses das crianças sobre o tema escolhido, traçando os próximos passos para que as atividades que eles decidiram realizar possam acontecer.

Onde tudo começa: as rodas de conversa e o planejamento com as crianças

Nossa principal metodologia é pautada nas rodas de conversa, momento em que nos colocamos como ouvintes e

provocadoras de ideias, estimulando a criatividade, a fala individual, a organização dos pensamentos para exposição oral, além de promover a interação e a valorização das ideias do outro.

Durante as rodas de conversa apresentamos o esboço do planejamento, que é o percurso base que norteia as atividades, organizado por nós, bolsistas, e com os acréscimos da professora regente dos alunos que trabalhamos. Esse percurso é apresentado às crianças, que sempre acrescentam ideias novas, curiosidades recentes e só assim o aprovam. A partir dos acréscimos e modificações, estruturamos, de fato, os planejamentos e colocamos “a mão na massa!”

As rodas de conversa e o planejamento são momentos em que somos surpreendidas pelas suas falas, e, sobretudo, é onde percebemos se o trabalho realizado está acontecendo de forma significativa para cada um. Todas as crianças gostam muito de participar, e sentem-se à vontade para dizer o que desejam, o que gostam e também o que não gostam. Esse exercício feito com elas nos dá, não através de uma avaliação escrita, mas informalmente, uma resposta sobre o aprendizado de cada um, o que conseguiram apreender e relacionar com sua vida fora da escola.

Quando chegamos para desenvolver nosso trabalho, a busca do tema foi algo fácil, eles rapidamente se decidiram pelo autor Ziraldo. Já tinha um vínculo do autor com a turma, pois era o patrono da mesma. Assim, nosso projeto seria sobre as “Histórias Maluquinhas”, ou seja, eles criariam histórias inspirados nos personagens e obras do Ziraldo.



Neste dia, propusemos a produção de um autorretrato através de recorte e colagem e no momento em que todos haviam finalizado as suas produções pedimos que sentassem em roda e contassem para os amigos o porquê de cada imagem escolhida, além de relatarem se consideraram a atividade fácil ou difícil e o que mais quisessem relatar.

Após a escolha do tema, foi construído um índice contendo o que a turma sabe e o que queria saber sobre o Ziraldo. Podemos dizer que o índice é o ponto de partida do projeto, servindo como parâmetro para sabermos se estamos atendendo às dúvidas iniciais dos alunos quanto ao tema abordado.

Informamos aos alunos que todas as aulas deveriam ser iniciadas com uma roda de conversa. “Mas o que é isso?” Essa foi a pergunta que vimos estampada nos rostinhos curiosos.

Nesse contexto, explicitamos a importância da conversa, da escuta do outro, da fala individual e principalmente das decisões tomadas em conjunto, que afetam diretamente todos os membros do grupo. Ao longo de cada dia, percebemos que a roda foi se tornando um momento incrível, esperado pelas crianças e por nós bolsistas, porque através das falas pensamos e repensamos as nossas práticas, analisamos nossas ações e atitudes, além de nos

surpreendermos a cada dia com a participação e desenvolvimento das crianças. Quando lhes perguntamos o que elas estavam achando desse momento, durante a avaliação realizada do dia 28 de abril de 2014, as respostas foram surpreendentes:

“Gostei da parte que a gente pôde fazer o dever e se abrir para os amigos.”

“Gostei da roda e de falar o que a gente “fizemos”.

A roda de conversa tem como objetivo reinventar os modelos tradicionais da sala de aula. Através delas todos os sujeitos envolvidos no processo educacional ocupam o mesmo lugar, ambos, professor e aluno, ensinam e aprendem juntos, todos tem oportunidade de expor seus desejos, angústias e anseios. A atividade exercita não só a fala, mas também a escuta do outro, o que possibilita a transformação do ambiente escolar.

Quando nos permitimos ouvir as crianças, rompemos com a ideia de que somos os donos do saber ou que de que temos a “chave” ou o “modelo correto” para educar e devolvemos a elas o lugar de destaque que merecem. Os alunos deixam de ser apenas expectadores e tornam-se protagonistas do seu processo de construção do conhecimento. Dessa maneira, passam a ter segurança para decidir junto aos colegas o que é interessante conhecer, de que forma as aulas serão estruturadas, e principalmente, começam a recuperar a autonomia que lhes é retirada ao longo da trajetória escolar.

A imagem de pesquisa em educação que se coloca para nós assume como pressuposto que as possibilidades teóricas - metodológicas que acontecem no cotidiano das escolas e que, por isso, nos interessam, são aquelas praticadas,

inventadas e partilhadas pelos sujeitos encarnados (FERRAÇO, 2007, p. 88).

As preocupações com o “fazer certo” e “desenhar bonito” foram sendo esquecidas. O anseio por realizar um bom trabalho era evidente. Entretanto, a preocupação com os padrões estéticos que não valorizam a criatividade, a escrita espontânea e a autoria das crianças deixam de existir. Tendo a roda de conversa como nosso referencial, percebemos que as aulas foram encaminhadas de outra maneira. Passamos a nos ver apenas como mediadoras e facilitadoras de um processo e os alunos como protagonistas e autores das aulas e da construção de seu conhecimento.

Na inversão da flecha, o professor do futuro, a nova identidade a ser construída, não é a do sujeito que tem as respostas que a herança cultural já deu para certos problemas, mas a do sujeito capaz de considerar o seu vivido, de olhar para o aluno como um sujeito que também já tem um vivido, para transformar o vivido em perguntas (GERALDI, 2010, p. 95).

O planejamento também é um dos fatores primordiais, no projeto. Apesar de ser construído com as crianças, levando em consideração seus interesses e desejos, fomos percebendo, ao longo dos nossos encontros, que o mesmo, apesar de ser necessário e importante, é apenas um norteador de nossas ações, passível de mudanças e adequações que se fazem necessárias de acordo com o desenrolar da aula. Como diz Ferraco (2012, p.98) “cada situação cotidiana é sempre única e, portanto, exceção às regras predefinidas. As teorias formuladas sempre se modificam em virtude dos acontecimentos.”

Por diversas vezes percebemos que a aula tomava um caminho diferente do que havíamos pensado, muitas vezes um caminho que também nos era estranho, desconhecido. Então,

o que fazer nesse momento? Percebemos o quão difícil é assumir que não dominamos tudo sobre um determinado assunto, que precisamos pesquisar para responder às indagações feitas durante as aulas. Nesses momentos entendemos a importância do estudo e pesquisa constantes, além da necessidade de nos prepararmos verdadeiramente para a aula, algo que vai além de prepararmos uma boa aula.

Esse preparo implica não só no domínio dos conteúdos que serão abordados, mas a disposição para reorganizar e reformular o planejamento feito *à priori*, principalmente, para assumir a postura junto aos alunos de que não somos detentores do saber e que apesar de termos pesquisado e estudado, não é possível saber tudo sobre este ou aquele assunto. Além disso, é fundamental ouvir as respostas deles para as suas próprias indagações, pois como afirma Geraldi (2010, p.101) “na aprendizagem o planejamento não pode ser inflexível. Importa muito mais aprender a aprender do que aprender o já sabido e definido!”

Tendo em vista a importância do planejamento feito junto com as crianças, das indagações feitas pelas mesmas e os diálogos travados todos os dias do projeto, tivemos a necessidade de repensar a nossa prática docente, no sentido de possibilitar a realização de aulas que envolvessem todos os alunos e propiciassem aprendizados para a vida. Utilizamos diversos recursos: fantoche, livros (escritos pelo Ziraldo), brincadeiras, jogos, dentre outros, o que contribuiu para que a aula mudasse um pouco a rotina tradicional, mas ainda assim percebemos que não bastava somente a mudança de recursos didáticos. Era preciso o envolvimento ativo das crianças para que estas se sentissem também responsáveis pelos saberes e fazeres que estavam se concretizando.

Percebemos a necessidade de tornar as aulas mais prazerosas para os alunos, de modo que as carteiras enfileiradas, o quadro, o pilot e somente atividades individuais não pudessem prejudicar nosso objetivo e o aprendizado da turma. Passamos a privilegiar os trabalhos em grupos, além das propostas individuais nas quais pautávamos as aulas.

Repensar a organização da turma e das atividades foi uma decisão importante, pois desde o primeiro momento, tínhamos percebido a união e o trabalho em grupo como pontos característicos. Nesse sentido, passamos a explorar os trabalhos em grupos, onde todos se comunicavam e trocavam ideias.

Entretanto, as atividades individuais continuaram a ser realizadas com o objetivo de perceber como estava o processo de aprendizagem dos alunos. Percebemos a dificuldade de alguns alunos com relação à escrita e à leitura. Alguns sabiam ler e interpretar, outros copiavam e não sabiam o que escreviam, e poucos entendiam o que liam. Ao analisar a relação das crianças com a linguagem escrita - que até então não era de total domínio e por vezes poderia ser entendida como um desafio - nos sentimos motivadas para desenvolver o projeto junto a elas ao possibilitar a criação de espaços favoráveis para o aprendizado, facilitando o processo de iniciação ou aprimoramento da linguagem escrita. O professor não pode se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções, (rotulam os alunos em “sabe ler” ou “não sabe ler”) as de um adulto já alfabetizado. Proposições que ultrapassam atitudes que para ser eficaz “deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança. Uma tarefa que não é nada fácil” (FERREIRO, 2000, p.61).

Quando a autoria ganha forma: As “Histórias Maluquinas”

Ao longo das aulas, os conhecimentos foram sendo tecidos, compartilhados e praticados, e o aprimoramento da escrita e da leitura, o nosso objetivo central, passou a ser de fato realizado, mas tendo real sentido tanto para os alunos quanto para nós bolsistas.

A cada dia mais eles ansiavam saber escrever ou desenhar algo sobre o Ziraldo, o Menino Maluquinho, o Bocão, etc. Comprovando tais ações, numa das nossas aulas, durante a roda de conversa, perguntamos o que elas haviam feito no final de semana e um dos alunos nos deu uma resposta surpreendente: “Eu pesquisei sobre a vida do Ziraldo na internet, eu descobri um montão de coisas e vi um monte de imagem dele e dos livros que ele escreveu.” Se até o momento não tínhamos certeza quanto ao sucesso do nosso objetivo central, naquele instante tivemos certeza que elas estavam aprendendo e, principalmente, estavam percebendo que o conhecimento também é externo ao âmbito escolar, podendo aprender mais e mais a partir das suas indagações e interesses ao sair à procura das respostas.

Três incríveis histórias foram construídas pela turma que foi dividida em três subgrupos organizados pelos próprios alunos e auxiliados por nós, bolsistas. As histórias foram quais foram intituladas de: “O Saci Pererê Maluquinho”, “O Menino Maluquinho se arrepende” e “A Princesa Maluquina”.

O Saci Pererê Maluquinho

Era uma vez o Saci Pererê Maluquinho, ele morava na mata e adorava brincar com a Boneca-de-Pixe e o outro Saci - o menino bonitão.

Ele gostava de cochilar e jogar futebol com uma perna só, porque ele pulava e dava um chute.

Para se alimentar, ele subia nas árvores para pegar maçã e cereja, mas um dia quando foi subir numa árvore, ele caiu e se machucou muito: o rosto, os braços, a perna e ficou com o olho roxo.



A Boneca-de-Pixe e o outro Saci - o menino bonito - foram tentar ajudar, mas acabaram caindo num buraco muito fundo e escuro que tinha cobras, morcegos, jacarés e ratos.

Para saírem do buraco, todos juntos cavaram e foram parar numa caverna.

Eles ficaram muito felizes por terem conseguido sair do buraco e fizeram uma festa muito legal, convidaram os amigos da mata: os animais, que o Saci Pererê Maluquinho conseguia se comunicar, e os outros amigos. Na festa tinha frutas, bolo de fubá, flores e muitos doces.

Eles construíram uma quadra para jogarem futebol e uma casa para morarem juntos e ouvirem músicas.

Fim!

A Princesa Maluquinha

Era uma vez uma princesinha maluquinha chamada Sofia, ela tinha 8 anos. Sofia vivia num castelo rosa. Ela brincava de bonecas, pintava, botava as roupas da mãe dela. Ela era uma criança bem esperta!



Sofia gostava muito de ler. Ela ia sempre à escola se encontrar com a professora maluquinha. Só que ela não ia como uma princesa, ela ia com os cabelos bagunçados e com roupa de dormir.

Um dia ela estava num parque e viu um príncipe muito inteligente que gostava de mexer no computador, seu nome era Pedro. Ele também tinha 8 anos.

Eles foram passear juntos. Compraram sorvetes. E neste momento estava passando perto deles uma carroça cheia de comidas e sem querer a carroça passou por cima do pé do príncipe. Ele caiu e o seu sorvete foi parar no rosto da princesinha. Eles começaram a rir!

Então a princesa passou os seus cabelos no pé machucado do príncipe e a partir daí ele também ficou maluquinho.

Eles foram para o castelo rosa da princesa, pegaram as roupas dos pais dela, pegaram também 2 rolos de papel higiênico e enrolaram na princesinha. E eles fingiram que estavam se casando.

O príncipe Pedro pediu a princesa Sofia em namoro. A princesa disse sim e eles passaram a fazer muitas maluquices juntos e foram felizes para sempre.

Fim!

O Menino Maluquinho se arrepende

Era uma vez um Menino Maluquinho que estava passeando de moto pela praça e viu o Saci e disse: Sai da frente.

E o Saci respondeu:

-Como você é folgado!

Depois apareceu o



Hermam com um fuscão e fingiu que ia atropelar o Menino Maluquinho para ele cair da moto no monte de lixo:

Hermam: - Rá, rá, rá, seu bobão!

Menino Maluquinho: - Você que é malvado!

Nessa hora apareceu a Boneca de Pixe para ajudar o Menino a levantar do lixo:

Boneca de Pixe: - O que aconteceu?

Menino Maluquinho: - O Hermam me assustou.

A Boneca de Pixe levou o Maluquinho para casa do Bocão, porque era mais perto, para ele tomar banho e não ficar fedido:

Boneca de Pixe: - Vamos na casa do Bocão tomar banho?

Menino Maluquinho: - Tá bom, quero ficar cheiroso.

Chegando na casa do Bocão, ele tomou banho e lanchou, limpou o machucado e colocou Band-aid:

Menino Maluquinho: - Ai! Tá ardendo muito!

Depois que ele estava com o Band-aid, agradeceu a mãe do Bocão pelo lanche e pediu a Boneca de Pixe um favor:

- Onde mora o Saci Pererê?

Boneca de Pixe: - Eu levo você lá.

Chegando na casa do Saci Pererê, o Menino Maluquinho bateu na porta. O Saci atendeu e ele disse:

- Você me desculpa Saci?

Eles apertaram as mãos e ficaram felizes.

Fim!

Em virtude de todas as experiências, vivências e

práticas aqui relatadas constatamos que é possível uma prática docente considerando a autoria das crianças. Embora seja mais trabalhoso, com certeza será muito mais prazeroso tanto para o professor quanto para os alunos, pois não somente eles, mas, também eles são agentes ativos do cotidiano escolar e as redes de saberes científicos e de saberes individuais necessitam entrar em conexão para que todos tenham acesso efetivo, a aprendizagens principalmente os alunos. As *Histórias Maluquinhas* teceram as relações de aprendizagens, sejam de caráter acadêmico ou pessoal. Várias mãos se uniram ao longo do semestre em prol de um único objetivo: aprender a aprender – aprender a ler, escrever, estudar, conhecer, brincar, dialogar, compartilhar - mas de um jeito bem *maluquinho*, de forma que só as crianças poderiam reger.

Referências:

DUARTE, K.; ROSSI, K. O processo de alfabetização da criança segundo Emília Ferreiro. *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia*. Ano VI, Número 11. Janeiro de 2008. Periódicos Semestral. Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/visit.php?cid=89&lid=5130. Acesso em 23 de junho de 2014.

FERRAÇO, C. E. Pesquisa com o cotidiano. *Educação e Sociedade, Campinas*, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 16 de junho de 2014.

_____. Currículo, cotidiano e conversações. *Revista e-curriculum*. São Paulo, v.8 n 2 de agosto 2012. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em 16 de junho de 2014.

FERREIRO, E. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2000. p.61.

GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.